



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

RAQUEL DA CUNHA MELIK

**O FLORESCER DO BRINCAR: Atravessamentos de uma descoberta por meio
de Jogos Teatrais**

BELÉM – PA
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

RAQUEL DA CUNHA MELIK

**O FLORESCER DO BRINCAR: Atravessamentos de uma descoberta por meio
de Jogos Teatrais**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado
à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal
do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado no Curso de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Profa. M.Sc. Cláudia Do Socorro Gomes
da Silva.

Coorientadora: Profa. Dra. Olinda Margaret Charone.

BELÉM – PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

M522f Melik, Raquel da Cunha
 O Florescer do Brincar: atravessamentos de uma descoberta por
 meio de Jogos Teatrais / Raquel da Cunha Melik. --2018.

 Orientadora: Prof^a M. Sc. Cláudia Do Socorro Gomes da Silva.
 Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Olinda Margaret Charone.
 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto
 de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura
 em Teatro, Belém, 2018.

 1. Teatro na educação. 2. Jogos educativos. 3. Memória
 autobiográfica. I. Título.

CDD - 22. ed. 372.66

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

RAQUEL DA CUNHA MELIK

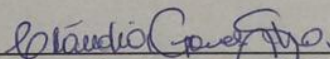
***“O FLORESCER DO BRINCAR: atravessamentos de uma descoberta
por meio de Jogos Teatrais”***

Esta Monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Teatro e aprovada em sua forma final pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

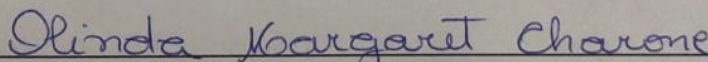
Belém, 19 de setembro de 2018.

Conceito: BOM

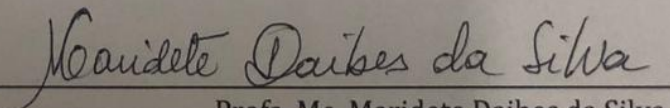
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Me. Claudia Gomes da Silva
Orientadora



Profa. Dra. Olinda Margareth Charone
Examinadora



Profa. Me. Maridete Daibes da Silva
Examinadora (Externa)

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura

Local e Data

Dedico este trabalho à memória de meu pai, José George Melik, *in memoriam*. Um exemplo de vida. Estrangeiro que com muita fé e dedicação ao trabalho, esforço, honestidade, simplicidade e respeito ao próximo, venceu uma série de dificuldades típicas no mundo dos negócios e conseguiu criar e dar o melhor para suas duas filhas. Não são poucos os admiradores que deixou, dentre os quais, sou uma das mais ardorosas.

AGRADECIMENTOS

O caminho foi longo, mais longo do que imaginei. Mas, sem dúvida, compensador.

A todos os que me auxiliaram, o meu agradecimento.

A Deus, pela vida, saúde e disposição.

À minha mãe Rita e meu esposo Sherlon, não só por dividirem uma casa, mas por serem meu lar, amo vocês.

À minha família, em especial, minha tia Danny, vó Maria, tio Luís, minha irmã Matilde, o meu mais profundo agradecimento pelos estímulos em meus estudos e na vida.

Aos meus animais, por trazerem muita pureza e amor genuíno, sem esperar nada em troca.

Às minhas queridas amigas que sempre me apoiaram.

À minha turma, em especial, Jaqueline, Miller, Edson, obrigada por deixarem a correria do curso mais leve e feliz.

A todos os professores e mestres, do ensino fundamental à graduação, pelos ensinamentos e paciência.

À minha orientadora, professora da ETDUFPA, Claudia Gomes, pelos ensinamentos e pelo pronto auxílio em todas as etapas da pesquisa.

À professora Olinda Charone, minha coorientadora, pela atenção, disponibilidade e auxílio nas sugestões para a pesquisa.

À professora Inês Ribeiro, pela inspiração que trouxe para minha vida com relação aos jogos teatrais, e por dedicar um tempo para contribuir com o meu trabalho.

A todos, muitíssimo obrigada.

A teatralidade é essencialmente humana. Todo mundo tem dentro de si o ator e o espectador. Representar num “espaço estético”, seja na rua ou no palco, dá maior capacidade de auto-observação. Por isso é político e terapêutico.

(Augusto Boal)

RESUMO

O presente estudo expõe minha trajetória, sou filha de um libanês extremamente protetor que, durante minha infância, não permitia que eu brincasse com outras crianças. Comecei a brincar já adulta, com outros adultos, no Curso de Licenciatura Plena em Teatro da UFPA, quando tive contato com os Jogos Teatrais. Têm-se, como objetivo, abordar algumas das possibilidades que os jogos teatrais trouxeram para minha vida, então, utilizo minha própria trajetória para revelar essa descoberta. A Metodologia utilizada nesse estudo é, principalmente, baseada em minhas memórias afetivas, relatos pessoais e a descrição de minhas experiências. Narro acontecimentos importantes de minha infância, principalmente, sobre minhas relações familiares, até o instante em que descubro o brincar, por meio dos jogos teatrais; exponho algumas das experiências que tive durante a atividade curricular Estágio I, onde fui para o Curso de Teatro Juvenil (da ETDUFPA) e para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Aimee Semple Mcpherson; e desenvolvo a respeito de como o jogo passou a fazer parte da minha vida, cito alguns dos jogos teatrais que mais gosto, alternando com conceitos de Viola Spolin e Olga Reverbel, por exemplo. Também utilizo pesquisa em livros, dissertação de mestrado, e artigos científicos sobre o tema proposto, constituindo, assim, o caráter bibliográfico da pesquisa. Além de uma entrevista semiestruturada com uma das professoras que estimulou meu interesse pelos jogos teatrais. Concluindo, portanto, que os jogos teatrais são como uma ferramenta de desenvolvimento das habilidades pessoais. De todos os benefícios que o Teatro me trouxe, o principal é: BRINCAR! Ele também me ensinou a confiar, respeitar e agradecer ao outro, eu pertencço a esse lugar.

Palavras-chave: jogos teatrais, infância, memória, trajetória.

ABSTRACT

The present study sets out my trajectory, I am the daughter of an extremely protective Lebanese who, during my childhood, did not allow me to play with other children. I started to play as an adult, with other adults, in the Full Degree in Theater of UFPA, when I had contact with the Theatrical Games. They are intended to address some of the possibilities that theatrical games brought to my life, so I use my own trajectory to reveal this discovery. The Methodology used in this study is mainly based on my affective memories, personal reports and the description of my experiences. I narrate important events of my childhood, mainly, about my family relations, until the moment I discover playing, through theatrical games; I present some of the experiences I had during the course activity Stage I and II, where I went to the Youth Theater Course (ETDUFPA) and to the Aimee Semple Mcpherson Elementary School; and development about how the game became part of my life, I mention some of the theatrical games that I like, alternating with concepts of Viola Spolin and Olga Reverbel, for example. I also use research in books, master's thesis, and scientific articles on the proposed theme, thus constituting the bibliographic character of the research. In addition to a semi-structured interview with one of the teachers that stimulated my interest in theatrical games. Concluding, therefore, that theatrical games are like a tool of development of the personal abilities. Of all the benefits that the Theater has brought me, the main one is: PLAY! He also taught me to trust, respect and thank the other, I belong to this place.

Keywords: theatrical games, childhood, memory, trajectory.

LISTA DE IMAGENS

A União.....	18
Turma de Teatro Juvenil da ETDUFPA.....	19
Turma de Teatro Juvenil da ETDUFPA.....	19
Rede Literária da E.M.E.F. Aimee Semple McPherson.....	20
Teatrinho de Fantoques da E.M.E.F. Aimee Semple McPherson.....	21
Fantoques da E.M.E.F. Aimee Semple McPherson.....	21
Jogando a Máquina – Turma de Teatro Juvenil da ETDUFPA.....	28
Jogando a Caixa Mágica – Turma do Técnico em Ator da ETDUFPA.....	29
Jogo de Confiança – Turma de Teatro Juvenil da ETDUFPA.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. O TRAJETO DE UMA MENINA BRASILEIRA COM ASCENDÊNCIA LIBANESA.....	12
2. O VERBO JOGAR NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL, NÓS JOGAMOS.....	19
3. O VERBO JOGAR NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR, EU JOGO.....	26
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

INTRODUÇÃO

O tema de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso, “**O FLORESCER DO BRINCAR: Atravessamentos de uma descoberta por meio de Jogos Teatrais**”, leva em consideração, nas palavras de Spolin (2010, p. 27), que “[...] os jogos teatrais vão além do aprendizado teatral de habilidades e atitudes, sendo úteis em todos os aspectos da aprendizagem e da vida”. De acordo com Pinto (2013, p. 4), “os jogos teatrais, além de fazerem parte de um método que traz prazer e ludicidade, ajudam a estimular a ação criadora de alunos e professores”.

A partir da sua aplicação, percebe-se que os educandos passam a desenvolver habilidades e competências que os ajudam a lidar com situações novas, tornando-os mais seguros em relação ao jogo, aceitando e sugerindo novas regras, trabalhando em grupo e contribuindo para a socialização, porém, vale lembrar que, nos jogos, não existem vencedores ou vencidos, pois o que importa é a participação e o interesse de seus participantes.

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008), o teatro, em especial os jogos teatrais, contribui para o bom relacionamento do homem com o mundo, melhorando o convívio em uma sociedade que não compreende o sujeito em sua totalidade. Sendo assim, é importante incentivar o educando a desenvolver a intuição, a emoção, a sensação, a percepção e a razão, com o objetivo de melhorar o modo de se relacionar consigo e com os outros.

Nesse contexto, Spolin (*apud* ANDRANDE, 2014¹) justifica e reafirma “o caráter social que os jogos podem ter, passando a ser não apenas um método para atores, mas um facilitador para a integração social e para o desenvolvimento do trabalho em grupo”.

Têm-se, como objetivo geral desta pesquisa, expor algumas das possibilidades que os jogos teatrais trouxeram para minha vida, portanto, utilizo minha própria trajetória para revelar essa descoberta.

Como objetivos específicos, pretendo: a) retratar acontecimentos relevantes de minha trajetória desde minha infância até o momento em que entro em contato com o jogo, na Licenciatura em Teatro; b) descrever minha experiência em campo de estágio, com minha família e amigas (eu enquanto propulsora de jogos teatrais); c)

¹ Disponível em: <https://profes.com.br/JulianaAndrade/blog/viola-spolin-e-os-jogos-teatrais>. Acessado em: 23/11/2017.

apresentar um apanhado teórico acerca dos jogos teatrais, bem como minha experiência pessoal com os mesmos (eu enquanto jogadora).

A Metodologia utilizada nesse estudo é, principalmente, baseada em minhas memórias afetivas, relatos pessoais e a descrição de minhas experiências (de estudante e professora de teatro), o que inclui a presença de imagens que contêm minhas subjetividades e trazem, à tona, algumas memórias afetivas de momentos significativos que vivi na Universidade². Inspirada, pois, em Walter Benjamin que narra memórias de sua infância em “Infância em Berlim por volta de 1900”:

Benjamin escreveu de maneira universal comuns a todas as crianças no que se refere às suas fantasias e desejos corriqueiros ao mundo infantil, mas foi, ao mesmo tempo, estritamente particular ao falar de coisas de sua época e de sua região, o que é outra característica de suas memórias e também de suas reflexões. Demonstra de forma generalizada a maneira peculiar da criança agir, sentir e pensar. Ele narra suas experiências, seus medos, anseios, fantasias e alegrias como sendo próprios também de qualquer criança (SOUZA, 2010, p. 10).

Também utilizo pesquisa em livros, como “Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação”, de Walter Benjamin; “Jogos Teatrais na Sala de Aula: um manual para o professor”, de Viola Spolin; e “Faz e não faz de conta – a criança-intérprete e sua compreensão do processo de encenação”, de Olinda Charone; dissertação de mestrado de Libéria Rodrigues Neves³; artigos científicos sobre o tema proposto. Constituindo, assim, o caráter bibliográfico da pesquisa que, segundo Gil (2010, p. 29), “é elaborada com base em material já publicado”. Realizei, também, uma entrevista semiestruturada com a Profa. M.Sc. Inês Ribeiro⁴, por ela ter sido a principal responsável pela minha aproximação com os jogos teatrais. Entrevista é, segundo Marconi e Lakatos (1996, p. 84):

Um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

² Sônia Rangel (2009, p. 101), para realizar sua obra de arte, recorre a imagens de seu arquivo interior, que funde memória e imaginação, e é organizado pela experiência sensível.

³ “O USO DOS JOGOS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO: uma prática pedagógica e uma prática subjetiva”. Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

⁴ Atriz, Diretora, Professora da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA).

No primeiro capítulo, narro acontecimentos importantes de minha infância, principalmente, sobre minhas relações familiares, até o instante em que descubro o brincar, por meio dos jogos teatrais.

No capítulo seguinte, intitulado “O Verbo Jogar na Primeira Pessoa do Plural, Nós Jogamos”, exponho algumas das experiências que tive durante a atividade curricular Estágio I – ministrada pela Profa. M.Sc. Inês Ribeiro e pela Profa. Dra. Olinda Charone⁵, do Curso de Licenciatura em Teatro – onde fui para o Curso de Teatro Juvenil (da ETDUFPA) e para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Aimee Semple Mcpherson⁶, desenvolver estágio com alunos de 1ª a 5ª série. Falo da diferença de estagiar nesses dois lugares, e de como os jogos teatrais estão presentes na minha vida profissional e pessoal.

Já no último capítulo, denominado “O Verbo Jogar na Primeira Pessoa do Singular, Eu Jogo”, desenvolvo a respeito de como o jogo passou a fazer parte da minha vida, cito alguns dos jogos teatrais que mais gosto, alternando com conceitos de Viola Spolin e Olga Reverbel, por exemplo.

⁵ Artista-pesquisadora, atriz, diretora, Professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA.

⁶ Escola pública, criada inicialmente como Centro Educacional Quadrangular (ensino particular), municipalizada em 2005. Disponível em: <http://semedananindeua.blogspot.com.br/2015/04/escola-aimee-semple-mcpherson.html>. Acessado em: 26/09/2017.

1. O TRAJETO DE UMA MENINA BRASILEIRA COM ASCENDÊNCIA LIBANESA

Durante minha infância, meu pai, José George Melik, libanês e extremamente protetor, não me deixava sair na rua para brincar com outras crianças, tinha pavor que eu me machucasse ou que me sequestrassem. Já minha mãe, Rita da Cunha, brasileira, era o oposto, incentivava-me, mas também era muito submissa a ele e eu o obedecia demais. Sempre que íamos a aniversários, eu era a única a ficar sentada, quietinha; na escola, também, mantinha o mesmo comportamento. Apesar da infância tranquila, essa época foi muito boa.

A cultura libanesa de meu pai interferiu em vários momentos da minha vida, principalmente por eu ser mulher. Ainda que o Líbano seja um país avançado, com relação aos outros países do Oriente Médio, os direitos civis das mulheres libanesas ainda precisam ser aperfeiçoados.

No Líbano, os homens são favorecidos em tudo, o governo pouco ou nunca intervém, por conta disso, frequentemente os direitos humanos e civis das mulheres são violados. A título de exemplo pessoal: quando tive minha menarca⁷, meu pai quis que eu passasse a usar burca, porque havia me tornado mulher e os “gaviões” me atacariam. Meus pais brigaram por causa disso, minha mãe dizia que estávamos no Brasil e não havia necessidade. Dada a cultura dele, se eu vestisse uma saia curta, ele usava termos pejorativos para que eu trocasse de roupa, não me deixava usar maquiagem – maquiava-me escondida para ir à escola. Já a primeira esposa dele, mãe da minha irmã, era bancária e ele queria que ela largasse o emprego. Como ela não o fez, o casamento deles terminou. E, quando eu tinha cinco anos, minha mãe – que era professora – parou de trabalhar, devido à insistência do meu pai em querer que ela fosse apenas dona de casa.

Quanto à profissão que eu seguiria, minha mãe já tinha noção: professora. Essa conclusão se deu porque, como ela era professora do ensino infantil, eu sempre pedia para ajudá-la nas correções das provas, e, também, por conta de minhas brincadeiras. Lembro-me, exatamente, de quando organizava todos meus bichinhos de pelúcia e dava aula para eles, como se fossem aprender. Fazia isso todos os dias, depois que chegava da escola, queria ser como minha primeira professora, Elma, por quem eu era encantada.

⁷ Primeira menstruação da mulher.

Walter Benjamin (2002, p. 03) fala sobre essa repetição inerente ao brincar: “Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo; que nada a torna mais feliz do que o ‘mais uma vez’. [...] Para ela, porém, não bastam duas vezes, mas sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes”. A repetição do mesmo é o verdadeiro elemento da brincadeira, a natureza do brincar é “fazer sempre de novo”, e não “fazer como se”, o que a transforma em hábito. O autor expõe as vias de ligação, entre o brincar e o jogar, que os acomodam em um percurso próprio da repetição, onde o “de novo” é o indício de um trajeto que não finda. Sobre essa mimesis, Benjamin (1986, p.108) afirma que:

Os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas. A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento e trem. A questão importante, contudo, é saber qual a utilidade para a criança desse adestramento da atitude mimética.

Ir para aula era uma das minhas diversões. Ao contrário de outras crianças, eu adorava as regras e tudo que envolvia a Escola Adventista⁸. Estudei lá desde o jardim de infância até a oitava série, pois meu pai frequentava a igreja e desejava que eu seguisse os mesmos passos, algo que nunca se concretizou. Sempre que eu trocava de professora, meu pai ia conversar com a professora nova e depois pedia para falar com o professor de Educação Física, para dar ordens de que eu não fizesse certos exercícios. Inclusive, meus colegas pensavam que eu tinha algum problema, porque se eles davam duas voltas na quadra, eu dava só uma e dizia que estava com problema no pé, que não podia correr, pois tinha vergonha de dizer que meu pai não deixava. Entretanto, os princípios da religião foram de extrema importância para a formação de meu caráter. O colégio marcou minha vida, foi onde conheci meu esposo e minhas melhores amigas.

Todavia, a calma, característica de minha infância, teve fim quando a adolescência chegou. Comecei a me revoltar com as normas, levei várias advertências e suspensões até ser expulsa, na oitava série. Na época, fiquei arrasada; hoje, esse acontecimento é motivo de risos.

⁸ A Rede de Educação Adventista, baseada em princípios bíblicos e valores permanentes, tem como compromisso não apenas a qualidade pedagógica e o aperfeiçoamento do desempenho escolar do aluno, mas a sua formação integral. (Disponível em: <http://www.educacaoadventista.org.br/quem-somos/>. Acessado em: 26/09/2017).

No primeiro ano do ensino médio, segui para o colégio Gentil Bittencourt⁹ – minha mãe é católica e, dessa vez, foi ela quem escolheu a instituição de ensino –, foi onde tive meu primeiro contato com o Teatro. A professora de Artes, embora tivesse formação em Artes Visuais, utilizava muito das Artes Cênicas em suas aulas e sempre estávamos no teatro que o colégio dispõe (era um palco, para ser mais específica, além das peças, esse espaço era utilizado para reuniões e palestras religiosas). Nem todas as aulas de Artes eram de/no teatro, tínhamos aula em sala também, mas todas as que envolviam teatro aconteceram no palco do colégio.

Adorava ver a turma ensaiando, envolvida naquilo, e gostava muito de participar, de interpretar, e dar apoio para meus colegas, como na maquiagem, por exemplo. No final do ano, a turma toda fez uma peça, chamada "Belém", que tratava de acontecimentos comuns na nossa cidade que, no final, entrelaçavam-se. Os ensaios eram livres e no palco, onde cada grupo tinha seu tempo; nós decorávamos as falas e dávamos características aos nossos personagens. Mesmo não sendo profissional, recordo que ficava incomodada quando alguns alunos não levavam a sério, pois eu percebia que a professora se esforçava bastante em todas as aulas, não somente nas que abrangiam o Teatro, e sentia que deveríamos ter consideração pela atividade, por respeito à professora e por estarmos realizando um trabalho em grupo.

Terminei o ensino médio com a certeza de cursar Relações Internacionais, fui aprovada no vestibular, mas não cursei. Depois, estava convicta de que queria cursar Administração, mas, novamente, fui aprovada e não cursei. Meu pai ficou chateado, pois pretendia que, no futuro, eu conduzisse a firma dele. Posteriormente, quis cursar Medicina Veterinária, contudo, não fui aprovada – inclusive, ainda pretendo prestar vestibular para esse curso, em breve, visto que sou alucinada por animais, em especial, cachorros.

Enquanto isso, meus pais já estavam enlouquecidos comigo. Tentei Nutrição, tive apenas uma semana de aula, não gostei. Minha mãe ficou decepcionada, queria que eu ingressasse na área da saúde, como minha irmã que é médica.

⁹ [...] Instituição educativa confessionalmente católica, institucionalmente apartidária e que tem como objetivo dar à juventude uma formação integral, por favorecer e fomentar no ser humano sua integração com o meio, com seus semelhantes e com Deus de maneira crítica, reflexiva e centrada nos valores humanos (Disponível em: <http://www.gentilbittencourt.g12.br/2017/>. Acessado em: 26/09/2017).

Inscrevi-me no Vestibular 2011 da Universidade Federal do Pará – UFPA, não contei para meus pais qual curso eu havia optado, eles pensavam que era Administração. Quando o resultado saiu, a escolha do curso pegou todos de surpresa: Licenciatura Plena em Teatro. Meus pais não gostaram muito, minhas amigas achavam que Teatro deveria ser só um hobby, recebi apoio somente de minha tia, Danny. Ela disse que eu deveria, sim, cursar e ver no que resultaria, que poderia dar muito certo, ou não, mas a decisão só cabia a mim.

Confesso que fiquei decepcionada quando não fui aprovada em Veterinária, e que entrei em Teatro por curiosidade, mas acredito nos planos de Deus e vejo, hoje, que foi um caminho certo.

Minha turma de origem foi a de 2011, um ano complicado para mim, entrei no Curso com muitas dúvidas, tanto que tive várias dificuldades, como não conseguir entrar no mesmo ritmo da turma. Apesar de ter gostado das disciplinas teóricas, eu não tinha bom desempenho nas aulas práticas, a não ser quando o professor, da disciplina Técnicas Corporais, propunha-nos umas “brincadeiras” que eram, na verdade, os Jogos Teatrais.

Ao brincar, situamo-nos na dimensão do sonho, do devaneio (FREUD *apud* MEIRA, 2003). Era uma sensação diferente, sentia muito medo de me machucar, mas amava a adrenalina do jogo e a formação de laços afetivos entre os alunos, o que me deu segurança para realizar alguns exercícios. O jogo me trouxe para o jogo. E brincar produz subjetividades (MEIRA, 2003, p. 74) que são importantíssimas para o teatro.

Segui para o segundo ano de Curso, ainda frequentei algumas semanas, entretanto, decidi trancar, pois meu pai não me apoiava e eu continuava cheia de dúvidas sobre se era, realmente, esse Curso que queria. Tirei um ano sabático, aproveitei para terminar meu curso de inglês e viajei bastante, sem deixar de pensar na Licenciatura em Teatro, claro.

No final do ano de 2013, perdi o amor da minha vida, meu pai. Esse acontecimento influenciou meu retorno para a UFPA. Voltei a estudar, mas na turma de 2013, diferentemente da minha primeira turma, entrosei-me rapidamente.

O ano de 2014 foi um recomeço, tive um envolvimento maior com os Jogos Teatrais e me apaixonei definitivamente. As disciplinas responsáveis por essa descoberta foram: “Métodos, Técnicas e Materiais de Ensino do Teatro” e “Didática para o Ensino do Teatro”, no 3º e 4º semestres, respectivamente, ambas ministradas pela Profa. M.Sc. Inês Ribeiro. Ela deu ênfase abundante aos jogos teatrais, passou-

nos vários exercícios com jogos teatrais e incentivou-nos a procurar novos jogos a cada aula. Justamente por ter sido ela quem fez aguçar meu interesse pelos jogos teatrais, eu a entrevistei para trazer um pouco da experiência dela, que influenciou a minha.

Perguntei como surgiu o interesse da Profa. Inês Ribeiro pelos jogos teatrais e a resposta foi:

Quando eu iniciei a fazer teatro, com a Olinda, lá na UNIPOP¹⁰, eu conheci os jogos teatrais, só que ela não dizia – quando a gente trabalha com aluno, a gente nunca diz: “olha, eu vou fazer jogos teatrais”, a não ser que esteja numa aula de Licenciatura pra Teatro. Então, a Olinda fazia muitos jogos com a gente, foi ela a primeira pessoa que eu exercitei os jogos teatrais. Na verdade, eu não chamava de “jogos teatrais”, eu chamava de “dinâmicas”, então, eu não tinha esse conhecimento que eram jogos teatrais, como atriz mesmo, eu não tinha esse conhecimento. [...] E eu comecei a fazer como atriz, depois a Olinda me convidou para dar aula de Teatro na UNIPOP para crianças, foi a primeira turma de Teatro Infantil em Belém, em 1995. Comecei a ministrar aulas de teatro e disse: “bom, vou fazer essas dinâmicas que a Olinda faz comigo”. Aquela coisa da repetição, que você repete o que você aprendeu com o outro sem ter aprofundamento da coisa. [...] Então, como eu estava me formando em Pedagogia, eu disse: “eu vou ler o que é isso que a Olinda faz”. Eu perguntei para ela e a primeira autora que ela me apresentou foi a Olga Reverbel, a do Rio Grande do Sul, “Inês, lê o livro ‘Teatro na Escola’”, eu acho que é o nome do livro. Li, mas a Olga Reverbel não fala, especificamente, na palavra “jogo teatral”, ela fala em “jogos dramáticos”, ela faz a divisão dos tipos de jogos para iniciar uma aula, aí ela faz jogos de apresentação, jogos de observação, o livro dela mesmo é dividido por esses tipos de jogos. E aí eu comecei a trabalhar só a Olga Reverbel, depois eu disse: “não, mas não é só isso”, comecei a ler e encontrei a Viola Spolin. Então, o meu interesse mesmo, começou na UNIPOP e o meu conhecimento sobre o que eram jogos teatrais foi quando eu li a Viola Spolin, que é ela que faz uma proposta, nos Estados Unidos, trabalhando com imigrantes, ela faz uma proposta pra trabalhar nas ruas com essas pessoas (RIBEIRO, 2018).

Perguntei, então, se ela acha que a Profa. Olinda Charone indicou a leitura de Olga Reverbel como um incentivo, pois, geralmente, quando se fala em jogos teatrais pensamos logo em Viola Spolin:

Eu penso que, como eu ia trabalhar com crianças, ela nem pensou nos jogos teatrais. Ela pensou assim: “ela vai dar aula para criança” e, na Olga Reverbel, tá didaticamente explicado e tem para cada faixa etária, porque o livro dela é didático. Faixa etária tal: você usa o jogo tal, são tantos minutos, a aula é essa, essa e essa. Eu acho que ela pensou, porque eu disse pra ela: “gente, mas Olinda, como é que eu vou dar aula? Eu nunca dei aula de teatro”. (Olinda:) “Mas tu vás dar conta, porque tu trabalhas com criança.” Então, mas cadê o conteúdo do teatro? Aí ela disse: “Lê Olga Reverbel”. Na verdade, as aulas estão prontas ali e, como algumas a Olinda já tinha

¹⁰ O Instituto Universidade Popular - UNIPOP, é uma entidade civil, sem fins lucrativos, de Utilidade Pública Estadual (Lei 5.797, de 17/10/94) e Utilidade Pública Municipal (Lei 8.275, de 14/10/2003). Disponível em: <http://www.unipop.org.br/conteudos/institucional/1644>. Acessado em: 05/07/2018.

realizado e eu já sabia, ela ainda falou assim: “primeiro tu faz, depois tu faz com as crianças. Primeiro faz sozinha, com alguém, depois tu faz com as crianças” (RIBEIRO, 2018).

Essas duas professoras, coincidentemente, foram as que mais estimularam meu contato com jogos, que aconteceu no Curso de Licenciatura em Teatro, como exposto, fui uma criança que não brincou com outras crianças, brincava sozinha. E Courtney (*apud* NEVES, 2006) propõe que é na infância que nasce a dramatização, assim que a criança começa a se relacionar com o mundo, jogando com ele até entendê-lo. Na fase adulta, passa a jogar dramaticamente com a própria imaginação, de forma interna, quase involuntariamente. Logo, para o referido autor, o desenvolvimento dramático, através do jogo, é um dos mais essenciais para o indivíduo.

Comecei a brincar, em grupo, na sala de aula de uma Universidade, com medo, meio sem jeito, já adulta. Mas, de todos os benefícios que o Teatro me trouxe, esse foi/é o principal: B R I N C A R. “O brincar é tecido por histórias (MEIRA, 2003, p. 82)”.

Não tive um laço tão forte com a minha primeira turma da Licenciatura, não só por conta do pouco tempo, mas também pelo que eu estava vivendo naquela época, e achava muito estranho quando todos davam abraços coletivos, era atípico para mim – eu confiava apenas em familiares e algumas amigas. Já com a segunda turma, sentia que todos tinham um coração bom e, como havia amadurecido, achava maravilhoso quando terminávamos os exercícios práticos e nos abraçávamos.

Interpelei a Profa. Inês Ribeiro sobre as mudanças que os jogos teatrais trouxeram para a vida dela:

Tu sabes que eu acho que desde que eu nasci, eu já fazia jogos teatrais?! Porque algumas brincadeiras populares, de rua, têm jogos teatrais. Me deixa, primeiramente, feliz e atenta para a vida, porque têm muitas coisas que são jogos e, tudo que a gente exercita muito, a gente fica muito aguçado, quieto e atento. Então, o jogo teatral me deixa feliz, mas, também, me deixa com a percepção aguçada e me deixou ser curta e reta [...]. Me deixou cumprir mais vezes os meus valores. O meu esposo diz que eu sou desconfiada. Não, eu não sou desconfiada, eu percebo os jogos. Quando é um jogo que está burlando a regra para prejudicar alguém, eu corto o jogo. Então, o jogo teatral faz perceber o jogo da vida, te tira da ilusão social [...]. Quando tu passas os jogos, tu vêes como aquela pessoa se comporta no jogo. Todo mundo, quando faz o jogo (em si, não só o teatral), se revela, porque a reação das pessoas no jogo, como elas se comportam com relação ao outro. Quando tu fazes o jogo teatral, aparece o “quem?”, o “onde?” e o “quê?” pra ti, mas aparece, também, como aquela pessoa se comporta, porque ela sai do estado de

disfarce, tira a máscara nesse momento, ela não pode mais encenar pra ti porque ela tá tão envolvida, ela tá desarmada (RIBEIRO, 2018).

O Teatro também me ensinou a confiar, respeitar e agradecer ao outro, como se eu pertencesse a esse lugar. Por isso, selecionei uma imagem-força, que é o ponto de partida desta pesquisa e, que, para mim, significa a união:

A União



Fonte: Grupo O Teatro Mágico¹¹.

2. O VERBO JOGAR NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL, NÓS JOGAMOS

¹¹ Disponível em: <https://meucriadomudo.wordpress.com/tag/o-teatro-magico/>. Acessado em: 26/09/2017.

No 7º semestre do Curso de Licenciatura Plena em Teatro, tive a atividade curricular Estágio Supervisionado I, na ocasião, ministrada pela Profa. M.Sc. Inês Ribeiro e pela Profa. Dra. Olinda Charone. A primeira etapa do estágio foi realizada no Curso de Teatro Juvenil da Escola de Teatro e Dança da UFPA, com a docente Inês Ribeiro.

Turma de Teatro Juvenil da ETDUFPA



Fonte: MELIK, 2018

Essa foi, sem dúvida, a melhor experiência que tive de estágio. Iniciei quando a turma já partia para a prática de montagem do espetáculo de conclusão do curso. A maioria dos alunos já dominava, com certa fluidez, a linguagem teatral e saíram-se muito bem em todos os exercícios propostos, tanto pela professora quanto pelos estagiários, em especial os de jogos e improvisação.

Turma de Teatro Juvenil da ETDUFPA



Fonte: MELIK, 2018

Foi bem mais fácil trabalhar com eles, porque já estavam acostumados com os jogos e toda a dinâmica das aulas de teatro. Entretanto, devido à falta de tempo

para concluir o estágio no Teatro Juvenil, passei a estagiar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aimee Semple McPherson – localizada no Conjunto Cidade Nova 5, travessa WE 19, nº 251, bairro do Coqueiro, Ananindeua/PA –, nas turmas de 1º ao 5º ano, com a docente Dilkéia Souza¹².

A escola possui um “Espaço Interação”, um cantinho destinado às múltiplas linguagens, como canto, dança, poemas, artes cênicas, brincadeiras de faz de conta, leitura de diversos gêneros literários, etc. De acordo com a Professora Dilkéia Souza, responsável pelo espaço, “ao utilizarem as múltiplas linguagens, os alunos desenvolvem diferentes inteligências”.

Rede Literária da E.M.E.F. Aimee Semple McPherson



Fonte: MELIK, 2016

Teatrinho de Fantoches da E.M.E.F. Aimee Semple McPherson

¹² Professora de Ensino de Primeiro e Segundo Graus, formada em Artes.



Fonte: MELIK, 2016

Fantoches da E.M.E.F. Aimee Semple McPherson



Fonte: MELIK, 2016

Nesse processo, percebi as dificuldades enfrentadas pela Professora Dilkéia Souza, até então, única professora de Artes da escola que, às vezes, ficava

responsável por até três turmas, ao mesmo tempo, mas se esforçava ao máximo para que seu desempenho fosse o melhor.

Foi bastante complexo ministrar os jogos para as crianças, principalmente, porque nunca havia dado aulas nessas circunstâncias. Eram muitos alunos e, mesmo sendo três estagiários, não conseguíamos controlar e acompanhar todos. Quando uns entendiam os jogos com rapidez, outros demoravam mais para compreender a atividade, ou seja, enquanto eu dava mais atenção para os que não entenderam o jogo, aqueles, que entenderam, terminavam de jogar e perguntavam: “o que é pra fazer agora?”, e dispersavam, já que todos os estagiários estavam ocupados, ajudando os demais para que todos começassem o próximo jogo juntos.

Todo dia de estágio era dividido em quatro fases:

- Preocupação: se os alunos faziam tudo certo, se prestariam atenção;
- Angústia: acontecia na execução dos jogos;
- Alegria: quando o jogo estava acabando;
- Satisfação: quando o jogo finalizava e havia dado tudo certo.

Em seguida, tentávamos (porque eram muitos) fazer uma roda, perguntávamos, para quem quisesse falar, como tinha sido a aula.

Os jogos são, afirma Piaget (1964), recursos fundamentais que o ser humano utiliza no seu desenvolvimento, organizando, assim, sua cognição e seu afeto, isto é, organiza seu mundo interior na relação com o mundo exterior.

Para Antonia Bezerra (1999), o jogo teatral autoriza uma diversidade de opções individuais e coletivas, instiga um conjunto de experiências sensíveis das crianças e adolescentes, estabelecendo diversos modos de expressão.

Charone (2011) vê necessidade de fazer algumas considerações sobre ludicidade e lúdico na criança, uma vez que a autora fala de jogo, brincadeira, prazer. Para tanto, cita Cipriano Luckesi (2002) que salienta que a ludicidade não se limita apenas ao jogo ou à brincadeira, provoca maior abrangência, envolvimento mais intenso do sujeito que se encontra com ele mesmo. Prossegue dizendo que a atividade lúdica garante uma experiência de plenitude, pois, quando nos entregamos a ela, envolvemo-nos completa, inteira e plenamente, estamos flexíveis, alegres, saudáveis.

Não foi, entretanto, apenas em estágios obrigatórios que agi como propulsora dos jogos teatrais, meus pais, esposo e algumas amigas tiveram seu primeiro contato com o teatro através de mim.

Minha mãe foi mais resistente, ela não gosta de nada de teatro. Meu pai gostava mais, quando eu chegava das primeiras aulas do Curso de Licenciatura, conversava com ele sobre os jogos que aconteceram em sala, e aproveitava para exemplificar, fazendo algumas dinâmicas sutis com ele.

Brincar, jogar, agir ludicamente, para Luckesi (2002), exige entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo, pois as atividades lúdicas não permitem divisão e nos conduzem para esse estado de consciência. O autor sustenta que a ludicidade é um acontecimento interno do sujeito (quando a pessoa vive uma experiência, dentro de si, na proporção do EU) com manifestações exteriores.

Ludicidade, portanto:

Foi e está sendo entendida por Luckesi, a partir do lugar interno do sujeito. Deste modo, quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, de uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando das atividades objetivas descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica (CHARONE, 2011, p. 42).

Meu esposo, Sherlon, também teve contato com o teatro por meu intermédio, nós sempre brincamos, fazemos jogos mais simples de improvisação, como o “1, 2, 3”. Porém, a situação mais interessante aconteceu com uma de minhas amigas, a Bianca.

Em uma aula de Técnicas Corporais II, o professor¹³ passou um jogo de forças contrárias, onde, em duplas, deveríamos sentar no chão, de costas, e levantar, equilibrando as forças, mas, minha dupla e eu, não conseguimos levantar. Frustrada, encontrei com a Bianca e pedi para fazermos esse exercício e conseguimos.

Acredito que o fato de ela ser minha amiga, deu-me mais confiança. Eu a sensibilizei tanto ao falar de teatro e ao jogarmos juntas que ela fez parte de um grupo teatral. Portanto, a atividade é lúdica, mas pode ser que não traga a mesma experiência de plenitude para todos que a vivenciam, como vemos nos exemplos que citei. Charone (2011, p. 43) elucida que a atividade:

Poderá sinalizar uma dor que, recentemente ou de há muito, estava dentro da pessoa, convidando-a a buscar uma saída saudável para isso, que está impedindo o seu fluir normal da vida. É preciso reconhecer que o lúdico traz,

¹³ Prof. Dr. Cesário Augusto Pimentel de Alencar.

muitas vezes, em sim uma relação dialética entre prazer e dor, alienação e emancipação, liberdade e opressão.

Eu, como professora, devo estar preparada para agir diante de situações como essa, com maturidade, calma e sensatez para conduzir a atividade de maneira não traumática para quem for sensibilizado por ela.

Voltando ao estágio na E.M.E.F. Aimee Semple McPherson, cheguei a pensar que deveria ter seguido uma regra para elaborar meus planos de aula, onde os jogos fizessem uma crescente de dificuldade, mas, lendo Charone (2011), percebo que, mesmo se tivesse feito dessa forma, eu teria que refazer, adaptar-me às reações das crianças e, talvez, até abandonar o planejado. Existem muitas maneiras de ministrar jogos teatrais, devido minha pouca experiência, acredito que ainda terei que tentar inúmeras vezes mais para descobrir a minha metodologia, ou seja, a melhor forma para eu instruir os jogos que, necessariamente, será a mais proveitosa para meus futuros alunos.

Meu foco é que as crianças, com quem trabalharei futuramente, consigam obter a experiência mais completa que os jogos teatrais podem oferecer, pois:

Para Piaget, quando a criança brinca, assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, sua interação com o objeto, não depende da natureza deste objeto, mas da função ela lhe atribui a esse objeto. E isso Piaget chama de jogo simbólico, que se apresenta inicialmente, solitário, evoluindo para o estágio de jogo sócio dramático, isto é, para a representação de papéis, como brincar de médico, de casinha, de mãe, etc. Nesse jogo, ela constrói uma ponte entre a fantasia e a realidade (PIAGET, 1964 *apud* CHARONE, 2011, p. 52).

A partir de Charone (2011), entendo que a minha participação como instrutora, no jogo, é de colaboradora, auxiliando as crianças a encontrarem suas soluções cênicas, e que devo evitar impor meus padrões. Posso, também, participar da elaboração de cenários, nas adaptações de figurinos e ajudar na construção dos personagens, entre outras atribuições, pois tudo começa por mim, a instrutora. Devo programar uma série de jogos, porque são diversos tipos de criança que fazem teatro, tímidas, extrovertidas, com dificuldades de falar, que ainda não sabem ler, mas os jogos servem para socializar, integrar, descontrair as crianças que estão participando da linguagem teatral.

Luckesi (2002, p. 33 e 34) diz que:

Nos interessa imediatamente, a questão do jogar, dos brinquedos, como caminho real para o inconsciente da criança. Nesse contexto, a prática das atividades lúdicas pelas crianças, de um lado, revela como elas estão, a partir de suas histórias pessoais, assim como revela o que sentem sobre o seu presente cotidiano, seus medos, seus não-entendimentos do que está ocorrendo, o que está incomodando; porém, por outro lado, essa prática revela, também, a construção do futuro. Muitas atividades lúdicas das crianças são de imitação do adulto, outras não imitam, mas constroem modos de ser. Meio pelo qual as crianças estão, por uma parte, tentando compreender o que os adultos fazem, e, por outra, experimentar as possibilidades de sua própria vida, o que quer dizer que, com as atividades lúdicas, estão construindo e fortalecendo o seu modo de ser, a sua identidade.

E cabe a mim, perceber como cada jogo reverbera na criança, o que é revelado do seu cotidiano, para estimular o que for bom e/ou ajudar a superar o que for ruim (traumas, medos, etc.).

O processo de atuação no teatro deve ser baseado na participação em jogos. Por meio da relação de jogo que cria envolvimento, o jogador aprimora a própria liberdade, dentro das normas combinadas, e engendra técnicas e habilidades individuais necessárias para jogar. Conforme as habilidades e liberdade/espontaneidade são interiorizadas, o jogador se torna criativo (SPOLIN, 1992).

O papel a ser desempenhado por mim, como educadora, é o de “conselheira técnica”. É extremamente importante uma formação inicial – como essa, proporcionada pelo Curso de Licenciatura Plena em Teatro – e contínua: profissionais de teatro associados, permanentemente, aos de educação; prevendo uma reflexão pedagógica; tentando responder às exigências culturais, sociais e às necessidades imediatas da criança (BEZERRA, 1999).

3. O VERBO JOGAR NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR, EU JOGO

Como dito anteriormente, não brinquei com outras crianças na minha infância, brincava sozinha, brincadeiras que não ofereciam riscos de acidentes. Comecei a brincar no início de minha vida adulta, com outros adultos, no meu Curso Superior de Licenciatura Plena em Teatro. O teatro me proporcionou o brincar através dos jogos teatrais. Eu brinco! Eu jogo! Segundo Benjamin (2002, p. 102-103), a multiplicidade de sentidos particular da palavra “brincar” também ocorre na língua inglesa: *play* significa jogar ou brincar. Por isso, sinto que o jogo (teatral, no caso) é uma brincadeira e o jogar é brincar.

Nas aulas práticas da Licenciatura, que utilizavam os jogos teatrais, era comum que os professores dividissem a turma em grupos. Enquanto um grupo jogava, o outro formava plateia e observava, revezando-se. Hábito muitíssimo importante para quando estivermos em sala de aula como professores, para mostrar aos alunos que existe o momento de estar em cena e o momento de assistir o outro em cena. Por isso, em vez de usar a expressão “jogos dramáticos”, escolho usar “jogos teatrais”, pois esses, segundo Neves (2006, p. 86), levam em consideração que existe uma plateia. Já nos “jogos dramáticos”, todos estão em cena, todos jogam/atuam, não há espectadores.

Maria Lúcia Pupo (1991, p. 134 e 135) acrescenta alguns aspectos que definem os “jogos teatrais”:

A divisão temporária entre quem joga e quem assiste; a determinação de regras de funcionamento precisas e definidas de antemão, tais como, o número de participantes, os critérios de avaliação e a proposição de temas ou de elementos da própria linguagem teatral-ação, espaço, personagem – como ponto de partida para o jogo.

Spolin (1992) organizou um glossário, onde o jogo define-se por “uma atividade aceita pelo grupo, limitada por regras e acordo grupal; divertimento; espontaneidade, entusiasmo e alegria acompanham os jogos; seguem passo a passo com a experiência teatral”.

Portanto, para que os jogos teatrais aconteçam, geralmente, é necessário que haja acordo grupal, uma realidade a ser jogada – estabelecida entre atores e plateia –, e a estrutura do jogo – onde se passa a ação, quem são os personagens, e o que eles fazem (NEVES, 2006, p. 86).

Um exemplo de jogo teatral é o “Máquina”, de Augusto Boal, que acontece assim: um jogador entra na área de jogo e torna-se parte de uma grande máquina,

fazendo um movimento e um som repetidas vezes. Logo que o movimento se torna claro para outro jogador, ele entra no jogo como outra parte da máquina. O jogo continua até que todos os participantes estejam trabalhando juntos para formar a máquina completa. Os jogadores podem assumir qualquer movimento, som ou posição para ajudar a completar o todo. Esse jogo gera espontaneidade e energia, muitas vezes os jogadores desviam da ideia do primeiro jogador, mas é incrível como todos, mesmo propondo movimentos distintos, tornam-se uma única máquina, em sintonia¹⁴. Foi a Profa. Inês Ribeiro quem me apresentou esse jogo e diz:

Esse é um jogo que tu vais trabalhar com o binômio opressor e oprimido e o Boal diz que a gente tem que desalienar o corpo, mas que a alienação do corpo vem pela alienação da palavra. No sentido de palavras com todos os sentidos, todos os paradigmas da sociedade. Então, o sentido da palavra mãe, dependendo da experiência que se teve com a mãe. Eu tenho palavras dentro de mim que me oprimiram, mas eu tenho palavras dentro de mim que me libertaram, me deixam alegre, que me deixam deprimida, eu tenho palavras. Essas palavras vieram de acordo com as experiências, “A Máquina” vai revelar isso. Só que a pessoa que tá fazendo o jogo não tá preparada para o que vem durante o jogo. Então, eu faço esse jogo justamente para ele revelar, para a pessoa jogar para fora o que nunca jogou, principalmente, o que a oprime e o que a trava. [...] Na “Máquina”, você faz a pessoa falar a palavra opressora, então, é por isso que eu passo, porque se eu não fizer isso, como é que essa pessoa vai trabalhar teatro com outras pessoas, se ela é formadora? Então, eu faço o jogo porque estou trabalhando com formadores e eles precisam estar saudáveis. Eu observei que, nesse jogo, eu trabalho esta pessoa, este professor, igual como trabalha a voz do professor, no caso, eu trabalho o que oprime esse professor. Ele precisa saber disso pra ele pode se trabalhar. Então, o jogo vem pra te (re)humanizar, sabendo quais são as tuas feridas (RIBEIRO, 2018).

Questionei se ela já se emocionou, em algum momento, passando o jogo “A Máquina”, ao que responde: “o que me emociona é, muitas vezes, ver a história do aluno na minha história (RIBEIRO, 2018)”.

Jogando a Máquina – Turma de Teatro Juvenil da ETDUFPA

¹⁴ Disponível em: [http://www.uern.br/controladepaginas/Conte%C3%BAdo%20para%20M%C3%B3dulos/arquivos/2208dinamicas_\(exercicios_de_grupo\)_para_teatro.pdf](http://www.uern.br/controladepaginas/Conte%C3%BAdo%20para%20M%C3%B3dulos/arquivos/2208dinamicas_(exercicios_de_grupo)_para_teatro.pdf). Acessado em: 06/11/2017.



Fonte: MELIK, 2016

Outro jogo que trabalha bastante a imaginação é o da “Caixa Mágica”, onde existem vários objetos, de todos os tipos, dentro de uma caixa lacrada que possui apenas um buraco, por onde colocamos uma de nossas mãos e escolhemos algum objeto. Quando cada jogador está com seu objeto, formamos uma roda e alguém começa a contar uma história que mencione o seu objeto. Por exemplo, se o objeto for uma bola, o jogador pode dizer: “Guilherme estava brincando com sua bola nova quando, de repente, assustou-se ao ver uma pessoa atrás da árvore, e aí...”. O “e aí...” é o comando para que o próximo jogador dê continuidade à história, inserindo o seu objeto, até chegar a vez do último jogador que finalizará a história. Esse jogo é, normalmente, muito divertido, porque é imprevisível, a história pode começar de um jeito e terminar de outro, completamente diferente.

Todas as vezes que joguei, surgiram histórias engraçadíssimas, o que dava leveza às aulas. Era prazeroso aprender enquanto nos divertíamos, sentia que a turma unia-se mais quando jogávamos, principalmente, porque fortalecíamos os laços de amizade e cumplicidade. Sobre a “Caixa Mágica”, a Profa. Inês Ribeiro explica:

Não é jogo teatral, é um jogo de sensibilidade. Como vocês vão trabalhar com crianças, tu tens que trabalhar a mão, a sensibilidade. Então, ali, ela (a criança) não tem nada, ela fica no foco da caixa, ela não vê o que tem dentro, ela mete a mão para pegar. E foi na aula de Didática (disciplina), não foi na aula de métodos, então, eu tenho que produzir material didático. Na verdade, foi uma produção de material didático para criança poder ter sentido. Aí eu coloco objetos pequenos, grandes, rugosos, na verdade, eu mando eles trazerem, aí coloca lá, tenta adivinhar o que é, pode fazer o que quiser. Tira e depois monta, com aqueles objetos, uma história. Não é um jogo teatral, é mais mesmo pra vocês saberem construir material didático, o uso do material didático (RIBEIRO, 2018).

Jogando a Caixa Mágica – Turma do Técnico em Ator da ETDUFPA



Fonte: MELIK, 2016

Os jogos teatrais acontecem num espaço de subjetivação, Viola Spolin (1992, p. 4) assegura que:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las.

O jogo do “1, 2, 3” (onde, em duplas, os jogadores começam a contar alternadamente “1, 2, 3”, formando uma sequência rítmica, quando a dupla assimilar o processo da contagem, substituem cada número por um gesto e um som, sem desmanchar a sequência lógica), por exemplo, proporciona as habilidades citadas acima e, ainda, o improviso.

Spolin (1992 *apud* NEVES, 2006, p. 90) assevera, ainda, que a improvisação, a compreensão do porquê da representação, e a resolução do problema devem constituir o jogo, isto é, um jogo formado por algumas práticas teatrais e por interferências intersubjetivas. As peças indispensáveis do jogo seriam:

O *foco* (ou ponto de concentração) para que o jogador possa perceber e resolver o exercício proposto; a *instrução* contínua e elaborada durante o processo, pelo professor ou orientador; a *plateia* constituída por parte do grupo de trabalho; e a *avaliação* coletiva dos resultados realizada, conjuntamente, pelos jogadores atuantes e observadores.

O foco do jogo teatral é solucionar um dado problema, considerando as regras e limites aceitos pelo grupo, “quem vai fazer o que e onde para alcançar o objetivo?” (SPOLIN, 1992).

Um jogo, em especial, que chamo de “Jogo da Confiança”, deu-me mais certeza ainda de que tenho dificuldade de confiar nas pessoas. Aconteceu em uma aula do professor Alberto Silva¹⁵: ele pediu para que formássemos uma fila; deveríamos, um por vez, fechar os olhos e correr, na diagonal, sem parar, até chegar onde o professor estava, esse seguraria o jogador para não se machucar. Ele disse que, mesmo se saíssemos da linha reta da diagonal, apara-nos-ia. Entretanto, não consegui jogar até o fim, sempre parava de correr na metade do caminho, com medo de que não me segurassem e eu me machucasse. E, mesmo sem conseguir executar o jogo, percebi que essas dificuldades – de não confiar em pessoas próximas e o medo de me machucar – continuam no meu ser e, conhecer meus medos, talvez não me faça superá-los, mas pode me ajudar a lidar com eles.

Jogo de Confiança – Turma de Teatro Juvenil da ETDUFPA



Fonte: MELIK, 2016

A propósito, Augusto Boal (*apud* NEVES, 2006, p. 94) acredita que o teatro permite que o sujeito observe a si, em ação ou em atividade, o que pode proporcionar, também, o autoconhecimento e autoriza que o sujeito seja sujeito (aquele que observa) de outro sujeito (aquele que age), formulando a tríade: eu observador, eu em situação, e o não-eu, ou seja, o outro.

Olga Reverbel (1997), visando a infância, sugere que a auto expressão do aluno seja desenvolvida através de atividades que oportunizam atuação concreta no mundo: opinar, criticar e sugerir, por meio de exercícios que possam ser aplicados em sala de aula, para investigar as habilidades de relacionamento, naturalidade,

¹⁵ Ator, diretor, encenador e professor da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA).

criatividade, atenção e discernimento. Desse modo, ao aprimorar suas capacidades de expressão, a criança se sentirá habilitada para todo tipo de aprendizado.

Reverbel (1997, p. 35) assegura que o jogo é a forma natural da aprendizagem para a criança e complementa:

Através do jogo, a criança dinamiza as capacidades que decorrem de sua estrutura particular e realiza os potenciais virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser. Ela os assimila e os desenvolve, une-os e complica-os, em suma, coordena seu ser e lhe dá vigor.

A autora supracitada ressalta a prática teatral como elemento necessário para que a criança aprenda sobre si, o outro, e o mundo que a cerca, além de contribuir para a aprendizagem da arte e de outras disciplinas. Isso posto, como, para a criança, jogar é brincar livremente, o jogo pode ser musical, plástico ou dramático, orientado ou espontâneo; os jogos educativos se originam desse último. Aqueles que abrangem a imitação e a criação desenvolvem a expressão da criança e fazem parte do ensino da arte (REVERBEL, 1997 *apud* NEVES, 2006, p. 96).

O jogo dramático deve ser prazeroso e é interrompido quando o prazer cessa. Contudo, nesse jogo, a criança tem menos liberdade do que no jogo espontâneo, pois o personagem escolhido por ela deve ser mantido durante todo o jogo. Então, como todo jogo, o jogo dramático também possui regras, que são estabelecidas pelos códigos do teatro, em razão de que é imprescindível jogar (apresentar) para os outros (NEVES, 2006, p. 96).

Ferraz e Fusari (2015, p. 134) denominam o jogo dramático como “uma modalidade de improvisação amparada por regras, e propostas por um educador, que implica procedimentos específicos”.

Ainda sobre o jogo dramático, Charone (2011, p. 131) afirma que ele:

[...] pouco a pouco engendra na criança um senso de responsabilidade, de liberação, de cooperação, de integração com os instrutores. Por meio desses jogos e brincadeiras, [...] elas liberam as pressões sofridas em casa, na comunidade e na escola. É um escape, um desafogo que aproveita a ausência de proibições e expande-se, mesmo que, às vezes seja, tumultuado, e que se torna possível pela habilidade e paciência do instrutor do processo.

Apesar de o jogo teatral ser menos livre do que o espontâneo, Reverbel (1997) defende que o ensino da arte estabelece-se pelo binômio espontaneidade x técnica e, quanto mais desenvolvidas as técnicas, a espontaneidade será maior.

Reverbel (*apud* NEVES, 2006, p. 96-97) indica o uso de “atividades globais de expressão”, a serem praticadas coletivamente por crianças e adolescentes, orientadas pelo professor em sala de aula:

Essas atividades pretendem uma ação dramática, a partir de jogos, conjugada com elementos da música, da dança, das artes plásticas, da mímica, da literatura, da história, da geografia, assim como temas religiosos, políticos e sociais. Visam fornecer certa carga de informações, a estimular as habilidades artísticas, bem como o espírito crítico para que o jovem possa avaliar e selecionar os elementos assimilados no processo educativo.

A autora sugere esses jogos, porque considera que o exercício da improvisação é um estímulo inigualável para que a criança e o adolescente desenvolvam a espontaneidade.

Indagada se têm jogos favoritos, a Profa. Inês Ribeiro pontua:

Não. Eu tenho uma coisa que gosto de fazer, já é a didática da aula, como eu sou pedagoga, foi muito boa a minha formação, porque a pedagogia me deu o sentido de como ensinar. Teatro é o conteúdo, por isso que vocês têm que ter disciplinas pedagógicas. Então, o que eu gosto é que, quando eu vou para a sala de aula, eu já sei que, nas primeiras aulas, eu tenho que trabalhar só com jogos, eu não ponho ninguém para encenar. Eu gosto muito de um jogo que é do Augusto Boal, nem é jogo teatral, que é a dinâmica do “1, 2, 3”. Porque os jogos teatrais têm aquela estrutura: “quem?”, “onde?”, “quê?”. Inicialmente, a Viola Spolin diz para a gente trabalhar jogos tradicionais, por isso que eu te falei: “jogo teatral é uma coisa, jogo tradicional é outra”. O que é o jogo tradicional? Aquele que ninguém é dono, que tá na comunidade, que tu passas na rua e as crianças estão... Empinar pipa, cabo de guerra, coelhinho sai da toca, isso é jogo tradicional. Então, eu não prefiro um jogo, eu prefiro seguir a estrutura que a Viola Spolin indica de jogo teatral. Tu perguntas qual é o jogo que eu gosto, não, não é o jogo que eu gosto. Eu gosto da estrutura de jogo teatral para o que possa aparecer na sala de aula, para mim como professora (RIBEIRO, 2018).

Particularmente, jogos de improviso são os meus preferidos, justamente pelo resultado ser imprevisível, como dito anteriormente no jogo “Caixa Mágica” e, assim como ele, o jogo “Congela” (adaptação do jogo “Transforme a cena¹⁶”) também é bastante animado: em duplas, os jogadores começam um diálogo; se alguém propuser ação/gesto/movimento, o outro deve responder (não pode ignorar) e dar continuidade à cena; em determinado momento, o professor grita: “congela” e os dois congelam, um sai e entra outro que vai começar uma nova improvisação, inspirado na postura que o outro congelou; quando esse, que entrou, começa a falar e/ou fazer a

¹⁶ Disponível em: <http://www.teatronaescola.com/index.php/planeje-sua-aula/jogos-e-exercicios-teatrais/item/247-transforme-a-cena>. Acessado em: 06/11/2017.

cena, o que está congelado, descongela e embarca na proposta do outro até que seja dito o próximo “congela”, onde, o que já estava, sai e entra outro.

Sobre os jogos de improvisação, para Reverbel (*apud* NEVES, 2006, p. 98), existem dois tipos, a improvisação espontânea e a planejada:

Na primeira, os alunos são orientados apenas por um ponto de partida; na segunda, após a proposta de um tema, os alunos elaboram um roteiro sintético a ser seguido ao longo da atividade cênica. [...] na atividade em que a improvisação se apresenta como base a criança cria sua própria forma, movimento ou palavra, alcançando uma condição que lhe possibilite julgar e apreciar, em função da natureza e da linguagem próprias da arte que origina essa modalidade de jogo: o jogo teatral. Os jogos de improvisação, portanto, não visam a uma reprodução da realidade, mas possibilitam uma análise desta a partir de um discurso mantido por meio de uma linguagem artística original que se afasta do naturalismo.

Ela propõe, então, uma série de jogos teatrais de improvisação, divididos em cinco tipos: de relacionamento grupal, de espontaneidade, de imaginação, de observação e de percepção (REVERBEL, 1989).

O jogo “Quem é” reúne alguns desses tipos de jogos que Reverbel (1989) se refere: um jogador é escolhido e vendado, através de sons emitidos por outro, o jogador vendado deve adivinhar de qual colega se trata. Se não conseguir, parte para o toque nos braços, cabelo, rosto. Trabalhando, assim, o relacionamento grupal, a observação e a percepção.

Em síntese, a obra de Reverbel é direcionada à escola, possui material claro e objetivo, contém atividades e técnicas que ajudam o educador a usar o teatro na educação, em favor dos propósitos pedagógicos que promovem a capacidade expressiva dos sujeitos e, conseqüentemente, ampliam as possibilidades de ler o mundo, de formar opinião crítica sobre os acontecimentos, de ter postura social sensível, solidária, ética (NEVES, 2006, p. 98-99).

CONCLUSÃO

Levando-se em consideração a cultura libanesa, de meu pai, posso dizer que este Trabalho de Conclusão de Curso não seria possível sem a influência árabe que tive desde minha infância. Como, no Líbano, os homens têm privilégios e as mulheres são desfavorecidas, convivi com muitas privações, dentre elas, a mais importante para esse estudo: não podia brincar com outras crianças.

Minha mãe, brasileira, apesar de, assim como eu, ser submissa a meu pai, estimulava-me a brincar, por isso, imaginava que eu seria professora, pois adorava ajudá-la a corrigir as provas de seus alunos e, constantemente, brincava de dar aulas. Repetir a mesma brincadeira é natural do brincar, fazer sempre de novo torna-se hábito.

O primeiro contato que tive com o Teatro foi no Ensino Médio, envolvi-me bastante com as atividades teatrais da escola, no entanto, tive dúvidas sobre o que cursar no Ensino Superior. Optei por fazer o Curso de Licenciatura Plena em Teatro, adorei as disciplinas teóricas, contudo, não executava bem as atividades das aulas práticas, exceto quando eram os Jogos Teatrais que, para mim, eram brincadeiras. Sentia-me diferente ao jogar, além da adrenalina do jogo, ainda formava laços afetivos com meus colegas. Porém, diante da falta de apoio do meu pai e das minhas dúvidas, que continuaram presentes, pausei o Curso.

Quando voltei a frequentar às aulas, em outra turma, envolvi-me mais ainda com os Jogos Teatrais e apaixonei-me efetivamente. Aprendi muitos jogos, comecei a brincar já adulta, com outros adultos, na Universidade, e essa foi a maior graça que o Teatro me proporcionou: BRINCAR!

Destaco jogos como o “Máquina”, o “Caixa Mágica”, o “1, 2, 3”, o “Jogo da Confiança”, onde são necessários foco, para solucionar um dado problema; instrução do professor; plateia formada por parte do grupo de trabalho; e avaliação de cada jogo realizado. Na verdade, esses elementos são indispensáveis a todos os jogos.

A prática teatral é uma peça básica para o indivíduo aprender sobre si, o outro, e o mundo; contribui, também, para o estudo da arte e demais disciplinas. O jogo pode ser musical, plástico, dramático, de imitação, de criação, orientado ou espontâneo; esse último origina os jogos educativos.

O jogo dramático propõe menos liberdade do que o espontâneo, mas o ensino da arte, segundo Reverbel (1997), estabelece-se pelo binômio espontaneidade x técnica, quanto mais as técnicas forem desenvolvidas, maior será a espontaneidade. Tenho preferência por jogos de improvisação, pois promovem o relacionamento grupal, a espontaneidade, a imaginação, a observação e a percepção.

Depois de ter contato com os jogos como jogadora, tive, também, como instrutora (estagiária), em dois lugares distintos: no Curso de Teatro Juvenil e na E.M.E.F. Aimee Semple McPherson. Foi mais fácil estagiar no primeiro ambiente, porque os alunos já estavam familiarizados com a dinâmica de uma aula de teatro. No segundo, foi bastante complexo ministrar os jogos para crianças do 1º ao 5º ano, principalmente, pela inexperiência de trabalhar com, até, três turmas ao mesmo tempo.

Considerando que o ser humano organiza cognição e afeto através dos jogos, não foi apenas em lugares formais de ensino que impulsionei a prática dos jogos teatrais, mas nas minhas relações pessoais também. Afinal, como professora de teatro, devo estar preparada para agir diante das inúmeras situações consequentes do jogo, pois é possível que a atividade lúdica não traga a mesma experiência para todos que a vivenciam.

Por meio da leitura que fiz do livro de Olinda Charone (“Faz e não faz de conta – a criança-intérprete e sua compreensão do processo criativo” – 2011), para a construção do presente estudo, percebi com mais clareza os detalhes de minha experiência e, com o aporte teórico fornecido pela obra, meu conhecimento expandiu-se e posso colocá-lo em prática com muito mais segurança.

Refazer, adaptar, abandonar o planejado, tudo pode acontecer, uma vez que existem muitas maneiras de ministrar jogos teatrais. Devo participar colaborando, auxiliando, lembrando que tudo começa por mim, a instrutora.

Portanto, como educadora, meu papel é o de “conselheira técnica”, esta formação, proporcionada pelo Curso de Licenciatura Plena em Teatro, é importantíssima e devo dar continuidade aos meus estudos para tentar responder às necessidades imediatas de cada pessoa com quem trabalharei.

Graças ao Teatro e, principalmente, aos jogos teatrais, hoje, confio, respeito e agradeço muito mais aos que me cercam.

É fundamental que a criança jogue, no meu caso, a falta de oportunidade/permissão para jogar criou uma bolha enorme. Apesar de, na época, eu me sentir mais amada que as outras crianças e ver como zelo, quando eu fui, realmente, machucada (já adulta), demorei demais para saber o motivo de ter sofrido tanto e porquê aquilo tudo foi errado. Sempre pensei que que tudo daria certo e, quando não deu, surtei. Eu brincava sozinha, então, a brincadeira terminava do jeito que eu queria, sem intromissões.

Concluo que brincar na infância é a chave para aprender a lidar com as dificuldades que a vida apresenta ao longo da nossa jornada, seja no âmbito pessoal ou profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**, Obras escolhidas I, SP, Ed. Brasiliense, 1986.

_____. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, SP, Ed. 34, 2002.

BEZERRA, Antônia Pereira. **Teatro e Educação: porque o jogo dramático na escola?**. Cadernos do Gipe Cit , PPGAC/UFBA, v. 8, 1999.

CHARONE, Olinda Margaret. **Faz e não faz de conta: a criança-intérprete e sua compreensão do processo de encenação**. 1. ed. – Belém: O Autor, 2011.

Colégio Gentil Bittencourt. **O Gentil Bittencourt**. Disponível em: <http://www.gentilbittencourt.g12.br/2017/>. Acesso em: 26 set. 2017.

Desvendando Teatro. **Exercícios**. Disponível em: [http://www.uern.br/controledepaginas/Conte%C3%BAdo%20para%20M%C3%B3dulos/arquivos/2208dinamicas_\(exercicios_de_grupo\)_para_teatro.pdf](http://www.uern.br/controledepaginas/Conte%C3%BAdo%20para%20M%C3%B3dulos/arquivos/2208dinamicas_(exercicios_de_grupo)_para_teatro.pdf). Acesso em: 06 nov. 2017.

A união. Disponível em: <https://meucriadomudo.wordpress.com/tag/o-teatro-magico/>. Acesso em: 26 set. 2017.

Escola Adventista. **Quem somos**. Disponível em: <http://www.educacaoadventista.org.br/quem-somos/>. Acessado em: 26 set. 2017.

Escola Aimee Semple Mcpherson. **Portfólio**. Disponível em: <http://semedananindeu-a.blogspot.com.br/2015/04/escola-aimee-semple-mcpherson.-html>. Acesso em: 26 set. 2017.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na Educação Escolar**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. Coletânea Educação e Ludicidade - Ensaio 02, GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA, pág. 22 a 60. Educação e Ludicidade. Ensaio, Salvador, Bahia, n.02, p. 22-60, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MEIRA, Ana Marta. **Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea.** *Psicologia & Sociedade*; 15 (2): 74-87; jul./dez.2003.

NEVES, Libéria Rodrigues. **O uso dos jogos teatrais na educação:** uma prática pedagógica & uma prática subjetiva. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2006.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança:** imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1964.

PINTO, Adriana Luiza Signor. **Jogos Teatrais, de Viola Spolin, como ferramenta pedagógica no ensino da arte.** Paraná: Cadernos PDE, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_arte_artigo_adriana_luiza_signor_pinto.pdf. Acessado em: 23 nov. 2017.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **No Reino das Desigualdades:** teatro infantil em São Paulo nos anos setenta. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1991.

RANGEL, Sônia. **Olho Desarmado:** objeto poético e trajeto criativo. Ed. Solisluna, 2009.

REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na escola.** São Paulo: Scipione, 1989.

_____. **Um caminho do teatro na escola.** 2 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

RIBEIRO, Inês. Entrevista concedida no dia 21 de junho de 2018.

SECRETARIA ESTADUAL DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Arte.** Paraná, 2008.

SOUZA, Aparecida Maria Sales de. **Memória e Infância em Walter Benjamin.** Disponível em: http://unincor.br/images/arquivos_mestrado/dissertacoes/aparecida_maria_sales_de_souza.pdf. Acessado em: 19 dez. 2017.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Jogos Teatrais na Sala de Aula:** um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Teatro na escola. **Jogos e exercícios teatrais.** Disponível em: <http://www.teatronaescola.com/index.php/planeje-sua-aula/jogos-e-exerciciosteatrais/item/247-transforme-a-cena>. Acesso em: 06 nov. 2017.

UNIPOP. **Histórico.** Disponível em: <http://www.unipop.org.br/conteudos/institucional-1644>. Acessado em: 05 jul. 2018.